

Metodologias Integrativas em Projetos de Assistência Técnica para Comunidades Urbanas¹

Heliana Faria Mettig Rocha e Maria Suzana Moura

Resumo

O objetivo do texto é apresentar e refletir sobre a abordagem das metodologias integrativas (MI) aplicadas em sala de aula e em projetos de assistência técnica para comunidades urbanas, no contexto da primeira turma da Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da UFBA. Inicialmente, esclarecemos sobre o contexto da experiência. Em seguida, destacamos as referências teóricas das Metodologias Integrativas; bem como a aplicação destas no ambiente de aprendizagem na universidade e posterior inserção dos profissionais residentes em comunidades urbanas de Salvador, entre outras cidades. Por fim, as conclusões apontam que as MI, ao utilizar meios não convencionais de expressão, ampliam as possibilidades de interação e apreensão dos técnicos e sua atuação em projetos de Assistência Técnica para comunidades urbanas mais resilientes.

Palavras-chave

Metodologias Integrativas. Formação. Assistência Técnica Participativa.

Abstract

The article discusses integrative methodologies (MI) used in the process of technical assistance to urban communities during the activities of the first experience of the specialization course “Professional Residence in Architecture, Urban Design and Engineering”, from the Federal University of Bahia, Brazil. Initially, we clarify the context of the experience. Then, we highlight the theoretical references of Integrative Methodologies; as well as apply these in the learning environment at the university and later in the integration of professional residents in urban communities in Salvador, among other cities. Finally, the conclusions point that MI, by using non-conventional means of expression, expand the possibilities of interaction and the role of professionals in technical assistance projects to help more resilient urban communities.

Keywords

Integrative Methodologies. Training. Participatory Technical Assistance.

INTRODUÇÃO

Na situação atual brasileira, temos visto uma grande demanda por intervenções governamentais para suprir necessidades locais de comunidades desprovidas de habitação, saneamento básico e distribuição de energia, citando apenas alguns dos direitos dos cidadãos garantidos por lei. Os principais avanços dos movimentos sociais por moradia, desde o início do século XX, com o crescimento acelerado das grandes cidades, resultaram na formulação da Lei Federal Nº10257/2001 – o Estatuto das Cidades (BRASIL, 2001), conquistado por iniciativa popular.

Nesse contexto de desigualdade social, carência e luta, muitas vezes, arquitetos, urbanistas e engenheiros sentem-se impotentes para criar cidades melhores, mais inclusivas e resilientes. Entretanto, fortalecidos pela vontade coletiva que se faz presente, estes profissionais precisam se preparar para atuar junto com moradores e gestores (GORDILHO-SOUZA, 2013). Foi com este propósito que a Universidade Federal da Bahia, por meio da Faculdade de Arquitetura (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) e do LabHabitar – Laboratório de Habitação e Cidade, em parceria com a Escola Politécnica, implantou, em 2013, a proposta da Residência AU+E/UFBA, com o curso de especialização em Assistência Técnica para Habitação e Direito à Cidade. O curso tem o propósito de contribuir na formação de profissionais e cidadãos para viabilizar projetos inovadores de inserção urbana e inclusão social, aprendendo com a cidade, em um amplo e permanente diálogo que defina novos compromissos de construção coletiva (www.residencia-aue.ufba.br).

O conjunto das disciplinas da parte teórica do curso, nos quatro meses iniciais, incentiva a reflexão crítica e o questionamento de concepções e ideias que alimentam o quadro de exclusão social nas cidades, bem como o uso da criatividade na escolha de temas e soluções próprias às comunidades demandantes. Do ponto de vista metodológico, a Residência incentiva um processo de formação profissional humanística, incentivadora da participação social e do fortalecimento da cidadania.

Entre as cinco disciplinas da Residência, a de Metodologias e Técnicas para Projetos Participativos² contempla o estudo das Metodologias Integrativas (MI), assim como outras abordagens e instrumentos de pesquisa-ação para interação com grupos sociais. Este componente curricular objetiva auxiliar na definição de formas participativas apropriadas para apreensão da realidade, produção do conhecimento e definição de projetos a partir de diagnóstico técnico-participativo; assim como despertar nos gestores envolvidos com projetos de assistência técnica o papel de agentes de transformação social nas comunidades em que atuam.

A referida disciplina pôs em prática o conhecimento de diversas técnicas de promoção da participação cidadã no desenvolvimento de projetos, as quais podem ser incluídas no campo das metodologias integrativas. A aplicação direta das metodologias em sala de aula possibilitou que a turma vivenciasse uma espécie de comunidade, com suas próprias características, demandas, necessidades e sonhos, objetivando identificar e fortalecer um propósito em comum – o aprendizado das MI. Utilizando referências não convencionais, através de um caminho de encontro com o sensível e o intuitivo, a experiência aproximou

os residentes, possibilitou a criação de uma ambiência propícia ao aprendizado, bem como novos instrumentos para a etapa seguinte de prática no campo.

A interação dos profissionais residentes com as comunidades em Salvador teve como base um Banco de Dados com demandas organizadas pelo Laboratório de Habitação e Cidade - LabHabitar da Faculdade de Arquitetura da UFBA. Tal interação aconteceu em dois momentos: durante a elaboração do Plano de Trabalho de conclusão das disciplinas teóricas; e, no período seguinte, na Atividade de Campo. O Plano de Trabalho foi elaborado pelas seis equipes, tendo como objetivo integrar conteúdos e orientar a Atividade de Campo de realização da assistência técnica, a qual seguiu por oito meses, de abril a novembro de 2014.

As comunidades assistidas foram: Nova Esperança de Ipitanga, Calabar-Alto das Pombas, Quilombo Rio dos Macacos e Centro Histórico-Gamboá (Salvador-BA), Vila da Dignidade (Ruy Barbosa-BA) e Vila Mangueira (João Pessoa-PB).

Assim, é nesse contexto que as MI são aqui refletidas, enquanto conteúdo vivenciado no processo de aproximação dos profissionais residentes em sala de aula e entre eles e as comunidades urbanas demandantes de assistência técnica.

METODOLOGIAS INTEGRATIVAS

Noções Básicas

Desde os anos 70 do século passado, muito se fala de participação social, popular ou cidadã, no âmbito das políticas públicas e dos projetos urbanísticos e de desenvolvimento territorial. No entanto, avançamos pouco em termos de metodologias e instrumentos capazes de dar conta da diversidade de formação, de linguagem e de formas de expressão. Seguimos atuando sob a hegemonia do pensamento intelectual, nascido da racionalidade lógica e analítica e da expressão verbal. Por isso, é cena comum em muitas das nossas reuniões e salas de aula encontrar pessoas presentes ausentes, um ou poucos falando, reproduzindo a verticalidade e as relações de mando, obediência e absentismo. Isso tende a acontecer, inclusive, nos processos participativos fomentados pelo Estado e/ou pela Sociedade Civil.

Em face desta realidade, precisamos reunir o que esteve cindido em nossa civilização. Para darmos conta das necessidades de colaboração e participação, são insuficientes os códigos tecnocientíficos, baseados, essencialmente, na racionalidade lógico-analítica-verbal. É o que Gianella (2008) aponta como uma virada paradigmática necessária, a qual pode ser propiciada pela integração, no âmbito da educação e da gestão, de dimensões esquecidas do humano, do ser-fazer humano – corpo, emoção, intuição, arte.

Temos vivenciado essa virada paradigmática no ensino-aprendizagem e na extensão universitária desde o início dos anos 2000, processo que se aprofundou com o encontro das autoras com Valéria Giannella e com outros grupos de pesquisa-ação. Tais experiências têm evidenciado o quão fecunda é a conexão com a nossa natureza mais próxima, o nosso corpo, aliada à interação das pessoas e à disposição das cadeiras em círculo e à abertura

para inserção de várias expressões artísticas. Estes elementos de conexão pessoal e coletiva propiciam um caminho de encontro com o sensível e o intuitivo e de mobilização das pessoas para a produção compartilhada do conhecimento e para criar coletivamente.

Temos percebido que este tipo de prática permite criar um campo de unidade, um campo fecundo para fluir a intuição e outros níveis de percepção. É interessante observar que os movimentos corporais focados no sensorial e no sentimento, assim como o posicionamento em círculos, têm o potencial de gerar um ambiente favorável para a primeira aproximação com um tema sobre o qual se pretende debruçar.

Especificamente em relação aos círculos, vale dialogar com Bolen (2011, p. 19), a qual chama a atenção para a dinâmica específica que se constitui em um grupo que adota esta forma em suas reuniões: “incentivam a psique, confiança e autenticidade” e, a depender das práticas desenvolvidas, os encontros circulares, “estimulam a imaginação e são um meio para a criatividade”. Essas são qualidades fundamentais da gestão participativa na perspectiva aqui apresentada e é o que temos observado na prática nos últimos anos, inclusive nas aulas e atividades de campo da Residência AU+E. Certamente, como bem lembra a autora, estão presentes, nesses círculos, os desafios das interações humanas, a exemplo da desconfiança e competição, porém não é este o nosso foco neste momento.

Podemos dizer que o caminho que estamos tecendo é também arte, integrando aqui a visão Yorubá “de que a arte está no corpo” e compreendendo o corpo “como expressão e linguagem, pleno de intencionalidade, lugar onde a existência se realiza” (MERLEAU-PONTY, 1971 *apud* MOURA; MOURA; CALIL, 2009). Considerando, ainda, que o corpo “conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais” (DUARTE Jr., 2004, p. 126).

Arte e corpo abrem a possibilidade da coexistência das dimensões intelectual e sensível/intuitiva no conhecimento humano, possibilitando entrar em cena o saber sensível, o qual vai além do pensar analítico. O pensamento racional é linear, concentrado e analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir, classificar. “[...] O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não-intelectual da realidade, em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não-linear” (CAPRA, 1991, p. 35).

Encontramos em Maria Cândida Moraes um caminho de aprofundamento do diálogo, quando nos fala da “importância do clima gerado nos ambientes de ensino-aprendizagem”, através da integração do corpo, das emoções, do diálogo e da convivência humana. Isto, porque, ainda de acordo com a autora, o ambiente de aprendizagem, assim como todo lugar “onde a vida acontece”, pode ser percebido como um “campo energético e vibracional de diferentes frequências, moldado pelas relações, intenções, decisões e consciência daqueles que o habitam” (MORAES, 2004, p. 66).

Com esta compreensão, a perspectiva que se abre para o educador, assim como para o arquiteto e urbanista que se propõem a estimular a participação no desenvolvimento de projetos, é de facilitar a geração de ambientes que favoreçam a escuta e a emergência da

inteligência coletiva, as quais contribuem para a criação conjunta de conhecimento, projetos e ações. Além dos aspectos citados por Moraes (2004), incluímos na noção de ambiente o espaço físico com a distribuição do mobiliário (cadeiras e mesas) e a composição de elementos que estimulam os sentidos (visual, olfativo e sonoro), conforme detalharemos no próximo item.

As experiências que temos desenvolvido até aqui nos levou a uma trilha para trabalhar com grupos em contextos diferenciados de formação, iniciando-se com a criação de um ambiente de acolhimento, seguindo com a ativação da presença de cada participante no contexto e posterior processo de criação coletiva.

Especificamente com relação ao curso aqui abordado, as noções básicas acima apresentadas levaram à criação do que denominamos Espiral da Assistência Técnica Participativa, a seguir apresentada.

Figura 1 - Espiral da Assistência Técnica apresentada na aula Metodologias Integrativas para Processos Participativos



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Pensamos em duas formas de visualização da espiral que integram os momentos da assistência técnica no campo: encontro, levantamento de necessidades, sonhar juntos e projeção. Sendo que estes momentos não são estanques. Estão em constante movimento e, eventualmente, são retomados com objetivos diferentes, podendo ou não reproduzirem a sequência; embora seja uma espiral ascendente. Por exemplo, o “encontro” pode acontecer para o levantamento de necessidades, para os primeiros momentos de aproximação, bem como no processo de elaboração do projeto.

Por meio da analogia com a forma da espiral, o processo de aproximação e apreensão das necessidades da comunidade segue o sentido ascendente, porém, algumas vezes, segue o sentido descendente, ao retomar parte do processo anterior, dependendo da situação em que se encontra, não existindo uma regra única. Este fenômeno do movimento é visto como natural, pois o crescimento e fortalecimento das relações entre as pessoas e entre elas e o ambiente é algo construído ao longo do tempo. Para isso, as MI baseiam-se em diversas formas de expressão que auxiliam e tornam esse processo mais humano e permanente.

A Figura 1 sugere, ainda, um movimento ascendente de encontros entre técnicos e comunidade, facilitando o entendimento de que estes podem ter um eixo condutor natural quando focados na criação de um ambiente de acolhimento, na ativação da presença pessoal e coletiva, na construção do sentido de pertencimento ao grupo, ao lugar e na elaboração de conteúdos por meio da expressão não convencional, para, então, chegar na projeção ou cocriação.

Relacionando com o campo da didática sistêmica, segundo Machado (2005, p. 132), a forma em espiral é uma metáfora para designar o fenômeno recursivo, no qual o retorno frequente às aprendizagens anteriores, ressignificando-as e combinando-as, reconstrói a história e o próprio conhecimento constantemente.

Por meio dessa abordagem, propomos exercícios de conexão entre o que se aprende e o cotidiano pessoal e coletivo. O ambiente para seu estabelecimento é construído através da tomada de consciência pelos participantes e da importância dada ao conhecimento e ao autoconhecimento, de forma concomitante.

APLICAÇÃO DAS MI NAS AULAS DA RESIDÊNCIA AU+E/UFBA

Conduzimos todo o processo com a intenção de que o grupo de residentes se percebesse como uma comunidade, com suas próprias características, necessidades e sonhos, identificando e fortalecendo um propósito comum.

O ponto de partida foi a criação de um ambiente harmonizado para favorecer a interação, um dos elementos básicos que caracteriza o campo das MI (MOURA, 2013), a partir da disposição das cadeiras em círculo, da utilização de música ambiente e de essência aromática, ativando diferentes sentidos de percepção do corpo. Outro elemento foi a preparação de um centro para o círculo, composto por uma flor, canetas coloridas, livros sobre o tema e um papel em branco, o qual foi utilizado, posteriormente, para o registro dos acordos entre os participantes e do propósito do encontro, conforme registra a fotografia 1.

Estando todos confortáveis, partimos para reafirmar por que estávamos ali e para a apresentação dos participantes. Convidamos as pessoas a expressarem o nome e uma qualidade que estavam oferecendo para o bom andamento do encontro, sendo este mais um passo para as pessoas se colocarem inteiras no trabalho, uma forma de ativação da presença.

Nesta trilha, resgatamos uma das dimensões esquecidas por nós nos ambientes da educação e do trabalho, ou seja, o nosso corpo que é a Natureza mais próxima de nós mesmos. Este é outro passo fundamental para ativar o sensível, o intuitivo e intensificar a nossa presença. Para isto, convidamos as pessoas a uma prática corporal: respiração e movimentos livres que permitiram trazer a consciência para o momento presente e para as sensações de conforto e desconforto. Este foi o caminho para adentrar, em seguida, a conexão com o contexto da Residência AU+E e o propósito da disciplina. Neste ponto, valorizamos a história do lugar, a qual acabou sendo relatada pelos professores mais antigos, conhecedores da história da fundação da Faculdade de Arquitetura. Este resgate deixou evidente o ponto de ligação

entre a origem da faculdade e o propósito do curso atual, ambos em prol do estímulo a projetos participativos de interesse social.

Foto 1 - Aplicação das MI: ambiente harmonizado, cadeiras em círculo, com centro, para Roda de Diálogo.



Fonte: Arquivo das autoras.

Dentre as técnicas utilizadas para o levantamento de necessidades e o momento de sonhar juntos, experimentamos:

Roda de diálogo: técnica utilizada para definição do propósito e dos acordos do grupo de residentes e professoras (as autoras deste artigo). Em círculo, os participantes foram convidados a exercitarem a escuta e fala contextualizada, ouvindo plenamente o outro, sem estar elaborando a sua própria fala durante a audição. Essa atitude incentiva o diálogo e a troca de saberes, tornando-os mais aprazíveis e fecundos³:

História inventada, uma técnica de contação de histórias em grupo, na qual todos são convidados a criar junto, em círculo, um enredo e personagens, a partir de um tema/propósito previamente acordado, cabendo ao facilitador iniciá-la⁴. No contexto da disciplina, a técnica foi inserida para trabalhar as necessidades e conflitos do grupo de residentes naquele momento do curso;

Biomapa (mundialmente conhecido como *Greenmap*): é uma técnica que estimula o envolvimento dos participantes e permite visualizar o quanto conhecem sobre o local em foco. No curso, o biomapa foi aplicado ao bairro onde está localizada a Faculdade de Arquitetura no momento do sonhar juntos;

Teatro temático: uma técnica utilizada para estimular a criatividade e a aprendizagem coletiva. Os residentes foram divididos em grupos e solicitados a simular situações de conflito e possíveis soluções no momento da interação com a comunidade.

Já no momento da projeção, utilizamos o *World Café*, ou seja, uma técnica voltada a dinamizar a participação e criação coletiva de conhecimento e geração de soluções de problemas em grupos, aproveitando o momento que seria o intervalo do “cafezinho”⁵. No contexto do curso aqui referido, os grupos refletiram sobre possíveis soluções para a situação

apresentada por uma das residentes que já estava atuando em uma comunidade.

Os residentes reuniram-se em pequenos círculos, cada um com uma questão específica que deveria ser estudada, expressando-se, além da fala, por meio de desenhos e textos livres, gerando diretrizes projetuais de assistência técnica para as demandas daquela comunidade, numa experiência colaborativa.

Foto 2 - Aplicação das MI: técnica do World Café.



Fonte: Arquivo das autoras.

De modo geral, o poder de harmonização e de pacificação que podemos experimentar com as MI cria canais para que possamos lidar de forma mais criativa com os conflitos e tensões que presenciamos, com os desafios que encontramos em termos do relacionamento entre pessoas, da escolha dos caminhos a seguir e da sustentabilidade dos projetos e grupos, na sala de aula e em outros âmbitos (MOURA, 2013).

A abordagem das MI foi validada com sucesso nas aulas da Residência AU+E/UFBA, tanto nos momentos de encontro, de diagnóstico das necessidades do grupo, no momento de sonhar juntos e na projeção. Na sequência, esta experimentação levou as seis equipes de residentes a se apropriarem de algumas das referências e técnicas, criando suas próprias abordagens em oficinas específicas descritas nos Planos de Trabalho e no desenvolvimento da Atividade de Campo, conforme assinalado na introdução.

APLICAÇÃO DAS MI NO PROCESSO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A partir da observação participante, da tutoria junto a alguns residentes e do contato com os moradores, durante a atividade de campo, identificamos algumas apropriações das MI no processo de assistência técnica. Isto aconteceu por meio das oficinas planejadas pelos grupos de trabalho, visando alcançar um diagnóstico técnico participativo, o qual viria a ser o próximo produto do curso.

Para demonstrar a relação com a Espiral da Assistência Técnica Participativa, tomamos alguns exemplos das oficinas desenvolvidas pelas equipes, lembrando que esta serviu apenas

como eixo norteador para a criação de outras dinâmicas e oficinas, adaptadas à realidade local. É a partir deste fato que compreendemos a validação da abordagem das MI aqui apresentada.

Observamos que, nos encontros com as comunidades e suas lideranças, de modo geral, as equipes buscaram criar ambientes de acolhimento para propiciar confiança mútua, por meio da disposição das cadeiras em círculo, inovando em formas de apresentação, ativando a presença pessoal e coletiva. A importância dada à história contada pelos moradores mais antigos também ajudou na demonstração de respeito, honrando os mais antigos e a memória do lugar. Para isto, muitos utilizaram a roda de diálogo como recurso na elaboração conjunta de acordos para guiar os encontros, estimulando a escuta e a troca de saberes, tornando-os mais aprazíveis e fecundos. A foto que segue ilustra os elementos destacados acima.

Foto 3 - Aplicação das MI: Roda de Diálogo na comunidade



Fonte: Arquivo das autoras.

Com o objetivo de reconhecimento das pessoas e do lugar, algumas equipes demonstraram uma preocupação em apreender a visão que os moradores tinham de sua comunidade e entorno, partindo para a identificação de seus problemas e potencialidades, através da construção de diagramas e mapeamentos simples e de fácil entendimento, aos quais todos podiam acrescentar suas impressões ao longo do processo. Esta prática assemelha-se à técnica do biomapa, utilizada em sala de aula, e pode ser considerada como um desdobramento desta.

Em contextos mais participativos, a exemplo da comunidade Nova Esperança, as oficinas promovidas pelos residentes e lideranças locais chegaram a elaborar diagramas, uma espécie de mapa, dos atores e suas redes de relacionamento. Este tipo de mapeamento ampliou o conhecimento das redes sociais, tanto pelos moradores quanto pelos residentes. Este reconhecimento das redes pode ser um caminho de fortalecimento das comunidades.

A oficina do biomapa foi utilizada por duas equipes em áreas distintas, auxiliando muito na localização das principais referências sociais, ambientais, de serviços e equipamentos existentes na localidade, conforme ilustra as Foto 4 e 5.

Fotos 4 e 5 - Aplicação das MI: Biomapa

Fonte: Arquivo das autoras.

Observando uma equipe que atuou em uma comunidade quilombola em área periurbana, percebemos que ocorreu uma forte aproximação entre os residentes e a mesma. Aproximação esta que possibilitou a aplicação de uma técnica colaborativa de mapeamento da memória comunitária, fortalecendo a união das pessoas pelo valor imaterial inerente ao lugar. Esta apropriação demonstra a validade da metodologia que considera o *genius locci*, ou seja, a compreensão da vocação do lugar, honrando a memória dos antigos.

Durante a realização dos encontros e oficinas neste período inicial de trabalho de campo, as equipes de residentes enfrentaram algumas barreiras, sendo a mobilização das pessoas para a participação a mais desafiadora. Esta dificuldade levou as equipes a promover diálogos com as comunidades, levando à mudança de estratégias, a partir da avaliação do processo que vinham adotando. Alguns procuraram identificar, com as lideranças e demais participantes, os acertos, desacertos e os motivos da dificuldade de mobilização e da falta de assiduidade das pessoas.

É interessante resgatar o caso da equipe que assistia uma comunidade urbana próxima de bairros centrais da cidade. A justificativa encontrada para a falta de mobilização foi o desânimo dos moradores com relação à universidade, por conta de atuações anteriores por parte de outros grupos que não deram retorno nem geraram resultados para a comunidade. Este fato desafiou e estimulou a equipe a usar de muita criatividade. Para este caso, os residentes criaram um formato de assistência técnica na escala individual para identificar as necessidades predominantes da comunidade e, posteriormente, elaborar seus projetos de assistência técnica. Esta alternativa foi chamada de “Consultório Técnico em Arquitetura” e possibilitou o registro, em relatórios, das ocorrências e possíveis intervenções, além do encaminhamento das situações mais específicas às instituições públicas devidas.

Estes momentos de encontros, identificação das necessidades e de sonhos conjuntos foram realizados por meios que vão além dos convencionais, desconstruindo e ressignificando processos de diagnósticos técnicos tradicionais, muitas vezes, unilaterais.

Relembrando a espiral, com a conclusão das etapas acima referidas, as equipes conseguiram sintetizar as demandas por comunidade e elaboraram um diagnóstico apresentado no Seminário de Diagnóstico Técnico Participativo, compondo mais um produto da Residência AU+E. A partir deste momento, foi possível identificar o eixo conceitual que orientou o trabalho dos grupos, dando indicações para a etapa seguinte do trabalho individual dos residentes nas áreas demandantes de projetos de assistência técnica dentro das comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto da Residência AU+E/UFBA, gestado coletivamente nos últimos anos, põe em prática, de uma forma mais ampla, a Lei Federal No. 11888/2008 para Assistência Técnica Pública e Gratuita para Habitação de Interesse Social.

Nesse contexto, os arquitetos, urbanistas e engenheiros, assim como profissionais de áreas afins, podem se preparar tecnicamente, incluindo meios intuitivos para criar cidades melhores, mais inclusivas e resilientes. Assim, a resiliência urbana tem seu conceito ampliado para além de uma resposta a um impacto físico ou natural (CSIRO, 2007), pois permeia uma lógica de sistema com a sua capacidade de mudança e adaptação contínua, considerando seus fluxos, dinâmicas, redes e o ambiente, a partir das pessoas participantes dos processos que vivenciam no meio ambiente urbano.

A experiência relatada chama a atenção para o potencial de aplicação das MI em ambientes de aprendizagem e de assistência técnica. A formação de profissionais com este tipo de metodologia diferencia-se do preparo técnico convencional, pois enfatiza o sensível, a arte, o corpo e o olhar cuidadoso sobre si, as pessoas e o ambiente, como fundamentos para a aplicação e recriação de técnicas. Técnicas voltadas à facilitação de encontros, ao levantamento de necessidades e à projeção colaborativa, enquanto fases de uma espiral da assistência técnica participativa.

Nesse tipo de abordagem, cabe ao arquiteto e urbanista, como qualquer profissional que se

propõe a atuar com processos participativos, contribuir também para a geração de ambientes que favoreçam a escuta e a emergência da inteligência coletiva; incluindo a distribuição do mobiliário (cadeiras em círculo) e a inserção de elementos que estimulam os sentidos (visual, olfativo e sonoro), em qualquer um dos momentos da espiral. Da mesma forma, é necessário ativar a presença sensível e comprometida para que se realize a troca e construção conjunta de saberes e soluções, utilizando-se e recriando técnicas, como as aqui relatadas.

Nas aulas ministradas para a primeira turma do curso e durante o processo de assistência técnica, encontramos evidências de que as metodologias integrativas ampliam as possibilidades de expressão e de interação dos residentes entre si e com as comunidades urbanas. Isto acontece através de práticas participativas simples que recuperam, inclusive, saberes ancestrais, como a reunião em círculo em torno de um centro com o foco do encontro, a prática da escuta e do diálogo e a integração do corpo e de variadas formas de arte, dentre outros.

Afinal, como apontado por Giannella e Moura (2009), as metodologias integrativas visam propiciar a produção do conhecimento interativo, pretendem valorizar as competências reais dos sujeitos envolvidos em cada processo e mobilizar no coletivo toda riqueza do humano.

Assim, todo o processo deu-se a partir da apropriação de ferramentas, técnicas e dinâmicas capazes de potencializar os processos de aprendizagem, utilizados dentro e fora da sala de aula, na prática da assistência técnica, com base na troca de experiências entre as pessoas envolvidas. Buscamos, portanto, um realinhamento entre saberes e fazeres, experimentando novas formas de olhar, sentir e perceber as aspirações do coletivo, as organizações e as questões sociais.

Enfim, voltando à metáfora da espiral das MI, esta remete à idealização e construção de novas técnicas participativas que consideram teoria e prática de forma cíclica e de tendência ascendente, na qual é importante conviver com a incerteza do conhecimento e do cotidiano, com o imprevisto. Entretanto, essas práticas dependem de flexibilidade para criação e adaptação aos contextos específicos, assim como, atitudes permanentes de avaliação, autocrítica e escuta por parte dos profissionais, ampliando a abrangência e aplicabilidade nas diversas realidades, além da prática acadêmica.

A reflexão aqui desenvolvida não esgota o tema, pelo contrário, indica a necessidade de aprofundamento na pesquisa sobre o potencial e os desafios da aplicação das Metodologias Integrativas em contextos participativos de aprendizagem e de atuação profissional. A Espiral da Assistência Técnica Participativa, com seus momentos e técnicas, merece também novas pesquisas.

NOTAS

- 1 Submetido à RIGS em: nov. 2014. Aceito para publicação em: mar. 2015.
- 2 A disciplina ocorreu entre novembro e dezembro de 2013 e a atividade de campo dos estudantes foi desenvolvida no período de abril e novembro de 2014.

- 3 A Roda de Diálogo é uma técnica elaborada pelas autoras tendo como referências a Roda de Escuta, conforme Giannella e Moura (2009) e a abordagem de Mariotti (2011) sobre Diálogo.
- 4 Para maiores informações sobre esta técnica ver Giannella e Moura (2009)
- 5 Para maiores informações ver <http://www.theworldcafe.com/>

REFERÊNCIAS

BOLEN, J. S. **O Milionésimo círculo**: como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres. 2. ed. São Paulo: Triom, 2011.

BORGES, I. A.; ALONSO, R. C.; ROCHA, H. F. M. O direito à cidade pela experiência do projeto “Nova Esperança – Meio Ambiente Urbano”. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. 3. São Paulo, 2014.

CAPRA, F. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

CSIRO (Commonwealth Scientific and Industrial Research Organisation). **Urban Resilience Research Prospectus**. Australia, Arizona State University— USA and Stockholm University—Sweden 2007.

DUARTE Jr., J. F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2004.

BRASIL. Lei 10.257. **Estatuto das Cidades**. 2001.

GIANNELLA, V. Base teórica e papel das metodologias não convencionais para formação em Gestão Social. In: CANÇADO, Airton *et al.* (Org.). **Os desafios da formação em gestão social**. Palmas, Tocantins: Nesol; UFT; Católica do Tocantins; UNITINS, 2008. p. 11-36, (Coleção ENAPEGS; v. 2).

_____; MOURA, M. S. **Gestão em rede e metodologias não convencionais para a gestão social**. Salvador: Editora CIAGS, 2009. v. 2. (Série Editorial CIAGS / Roteiros Gestão Social).

GORDILHO-SOUZA, A. **Assistência Técnica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia**: Avanços Institucionais. In: PROJETAR, 6., **Anais...** Salvador, 2013.

_____; ROCHA, H. F. M.; LIMA, L. C. Design and Technology for Inclusive Housing: Professional Residence Experience. In: ZEMCH - ZERO ENERGY MASS CUSTOM HOMES INTERNATIONAL CONFERENCE. 20. Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014. 1 CD.

MACHADO, V. Definições de prática pedagógica e a didática sistêmica: considerações em espiral. In: **Revista Didática Sistêmica**, v. 1, out./dez. 2005. Disponível em: <www.redisis.furg.br>. Acesso em: 20 jun. 2014.

MARIOTTI, Humberto. **Um Método de Reflexão Conjunta e Observação Compartilhada da Experiência**. Disponível em: www.geocities.com/pluriversu. Acesso em: 10 jun. 2011.

MORAES, M. C. Pressupostos Teóricos do Sentipensar. In: MORAES, Maria Cândida; DE LA TORRE, Saturnino. **SentiPensar: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

MOURA, M. S. Metodologias Integrativas. Abrindo Novos Caminhos para a Criação Coletiva na Gestão Social. In: **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. Salvador, v. 2 n. 3, p. 179-188, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.rigs.ufba.br>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____; MOURA, S.; CALIL, M. Sala em cena: jogos teatrais na formação do/a gestor/a social. **Revista Terceiro Incluído: transdisciplinaridade e educação ambiental**. Goiânia, v. 1, n. 1, p. 57-74, jan./jun. 2011. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/teri/article/view/14389>. Acesso em: 12 out. 2012.

RESIDÊNCIA AU+E/UFBA. **Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia**. Disponível em: <<http://www.residencia-ae.ufba.br>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

WALKER, B.; HOLLING, C.; CARPENTER, S.; KINZIG, A. Resilience, adaptability and transformability in social–ecological systems. **Ecology and Society**, v. 9, n. 2, 2004.

**Heliana Faria
Mettig Rocha**

Doutoranda e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFBA com doutorado sanduíche na UCPH. Graduada em Arquitetura pela UFBA. Integra o Grupo de Pesquisa LabHabitar e o corpo de professores permanentes do curso de especialização em Assistência Técnica para Habitação e Direito à Cidade - Residência Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (Residência AU+E/UFBA).

**Maria Suzana
Moura**

Doutora em Administração Pública pela UFBA. Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS. Graduada em Arquitetura pela UFBA. Integra o Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Metodologias Integrativas para a Formação e Gestão Social e o Centro Interdisciplinar em Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS).